

Boletim da GEDEC - Ano VI nº 016 02/05/2011 - Fone: 3340 3081

Cotação de Preços (02/05/11)	R\$	Recortes
Feijão Carioca <sup>1</sup> - R\$ 90,00 a R\$ 100,00/ sc de 60 kg	→	<b>Preços de alimentos sobem com menos intensidade</b> Preços de alimentos sobem com menos intensidade e aliviam pressão sobre inflação . O Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IPC-S), medido pelo Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da Fundação Getulio Vargas (FGV), ficou em 0,83% na terceira prévia de abril, o que indica um decréscimo sobre o resultado da segunda prévia (0,89%). Essa redução no ritmo de alta foi puxada pelos alimentos, cuja taxa passou de 1,50% para 1,10%. <b>Fonte: Agência Brasil</b>
Milho <sup>2</sup> – R\$ 22,00 / sc de 60 kg	→	
Soja <sup>2</sup> – R\$ 40,00 / sc de 60 kg	↑	
<b>HORTALICAS<sup>3</sup></b> (Preço líquido pago ao produtor)		<b>Preços do feijão estão estáveis e a oferta é suficiente para atender a demanda interna.</b> Feijão: preços estão estáveis e a oferta está suficiente para atender a demanda interna. Segunda safra está se desenvolvendo, mas área deve ser menor. A demanda segue retraída tanto para o feijão carioca quanto para o preto e muitos compradores estão na expectativa aguardando os lotes recém colhidos da segunda safra. <b>Fonte: Centro de Inteligência do Feijão</b>
Alface – R\$ 8,00 / cx de 7 kg	↓	
Beterraba – R\$ 38,00/ cx 20 kg	↑	
Cenoura – R\$ 30,00 / cx 20 kg	→	
Chuchu – R\$ 18,00 / cx 20 kg	→	
Couve Manteiga – R\$ 0,60 / (maço 500 g)	→	
Couve Flor – R\$ 32,00 / Dz	↑	
Mandioca – R\$ 15,00 / cx 20 kg	↑	
Morango – R\$ 12,00 / caixa (04 cumbucas de 350 g)	↓	
Pimentão – Campo R\$ 15,00; Estufa R\$ 20,00 / cx 12 kg	→	
Quiabo - R\$ 18,00 / cx 12 a 14 kg	↓	<b>Contratações do crédito rural chegam a R\$ 56,3 bilhões</b> As contratações do crédito rural passaram de 56% do total programado entre julho de 2010 e janeiro de 2011. Nesse período, os produtores contrataram R\$ 56,3 bilhões dos R\$ 100 bilhões previstos para a agricultura empresarial. O número mostra que os financiamentos do Plano Agrícola e Pecuário 2010/2011 superaram em 20,5% o volume contratado em período igual no ano passado (R\$ 46,7 bilhões). <b>Fonte: Mapa</b>
Repolho – R\$ 15,00 / sc 20 kg	↓	
Tomate – R\$ 28,00 / cx 20 kg	↓	
<b>FRUTICULTURA<sup>3</sup></b> (Preço líquido pago ao produtor)		
Goiaba – R\$ 33,00/ cx 20 kg	→	
Maracujá – R\$ 1,80 / kg	↑	
Tangerina Ponkan – R\$ 18,00 / cx 20 kg	→	
Limão – R\$ 11,00 / cx 20 kg	→	
<b>PECUÁRIA</b>		
Bovino		
Arroba <sup>4</sup> – R\$ 92,00	↓	
Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelados) <sup>5</sup> - R\$ 750,00	→	
Leite		
Litro <sup>6</sup> – Pro-Leite: R\$ 0,75 ; Fora do Pro-leite: R\$ xxx Extra Cota: R\$ xxx <b>Frete: R\$ 0,07/L</b>	→	
Suíno <sup>7</sup> - Vivo		
Kg – R\$ 2,75	↓	
Aves <sup>7</sup> – Frango Vivo		
Kg – R\$ 1,83	↓	
-- Galinha Caípira <sup>8</sup> Unidade (± 1,7 Kg) - R\$ 25,00	→	
Carneiro <sup>9</sup>		<b>Fonte: DCI</b>
Kg - R\$ 3,50 (Borrego) - carcaça R\$ 7,50; Kg R\$ 2,50		
ovelha e carneiro para descarte – carcaça R\$ 6,80	→	
Peixe <sup>10</sup> (Tilápia) (Preço líquido pago ao produtor)		
Kg – R\$ xxx	xx	
Avestruz <sup>11</sup> – vivo		
Kg – R\$ xxx	xx	

**FONTES:** <sup>1</sup> CORREPAR; <sup>2</sup> COOPA-DF; <sup>3</sup> CEASA-DF; <sup>4</sup> AFE / FNP; <sup>5</sup> SR EZIO – Padre Bernardo; <sup>6</sup> COPAS; <sup>7</sup> ASA ALIMENTOS; <sup>8</sup> CHAC . FELICIDADE; <sup>9</sup> LM; <sup>10</sup> SAN FISH; <sup>11</sup> COCAPLAC (p/Associado). **Varição em relação à semana anterior** ↑ (alta) → (estável) ↓ (baixa)

(\*) Não incluso Frete + Imposto

## **Apoio à agropecuária e a segurança alimentar**

O ano de 2011 inicia-se com uma pergunta chave, que dominará os debates sobre a política macroeconômica ao longo dos próximos meses: como se comportarão os preços dos produtos alimentícios, após terem contribuído com 39% do IPCA, medido pelo IBGE, em 2010? A questão, alinhada ao tema mundial da segurança alimentar, certamente não encontrará unanimidade entre os experientes analistas do mercado agropecuário, pois o ano passado foi prodigioso no sentido de “furar” as mais embasadas previsões.

Um bom exemplo é a carne bovina. A oscilação de seus preços decorreu de duas causas: a redução da quantidade disponível para consumo nos principais produtores, como Argentina, Estados Unidos e Austrália, em função do maior abate de matrizes, iniciado em 2006; e o crescimento da massa salarial do brasileiro, de 34% nos últimos cinco anos, que pressionou a oferta já combalida. Como resultado, o preço testou vários patamares ao longo do ano, chegando a um aumento acumulado de quase 30%, surpreendendo a muitos.

Outros itens, como o leite e o feijão, encontram nas intempéries, como as secas prolongadas ou as chuvas em excesso, grande parte das explicações pela elevação dos preços. Embora se possa prever com relativa confiabilidade a ocorrência desses fenômenos, dificilmente acerta-se na sua intensidade. No caso do açúcar, a Índia continua sendo o grande fator de desequilíbrio de um mercado internacional demandante.

É muito provável que, para alguns segmentos do agronegócio, as majorações gerem estímulos ao incremento da produção, com impactos positivos nos vários produtos que compõem a cesta “alimentos e bebidas”, monitorada pelo IBGE, como o feijão e o leite. Entretanto, as intempéries, os desajustes da produção mundial e o aquecimento econômico dos países em desenvolvimento, com destaque para o Brasil, podem contrariar essa lógica.

É justamente nesse cenário de pressão de preços de alimentos, resultante da demanda esticada e da oferta curta, que é enfático o papel do Brasil como um dos mais importantes fornecedores. Temos respondido com eficácia ao incremento de oferta, com ganhos sucessivos de produtividade, como no emblemático caso dos grãos: desde 1990, esses foram cerca de três vezes superiores à média internacional, o que contribuiu para que o mundo acumulasse um tênuo, mas importante superávit nesse grupo de produtos. O exemplo estende-se, como é sabido, a vários outros setores.

Dado o papel de protagonismo do País nesse sensível equilíbrio em termos de abastecimento mundial, fica o alerta de que necessitamos dar seguimento aos ganhos massivos de produtividade. É por essa razão que parece mais lógico o Governo Federal olhar para o produtor brasileiro antes das safras, para entender a sua realidade e atender às suas legítimas necessidades, como um seguro agrícola eficiente e acessível e um forte incremento dos investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Tal atitude seria muito melhor do que constatar, nos futuros índices de preços de alimentos, que poderia ter feito algo a mais pelo setor, pelos brasileiros e pelo mundo, pois nosso país é o que tem as melhores respostas para a prioritária questão da segurança alimentar.

**\*João Guilherme Sabino Ometto, engenheiro (EESC/USP), é vice-presidente do Grupo São Martinho, vice-presidente da Fiesp e coordenador do Comitê de Mudanças Climáticas da entidade.**